

PAINEL

ESTÁGIO SUPERVISIONADO - RELATO DE EXPERIÊNCIAS DA OFICINA DE ILUMINAÇÃO CÊNICA NO ORFANATO JESUS MARIA JOSÉ.

Francisco Orismidio Duarte da Silva
Graduando

Orientador Prof. Dr. Fabio José Rodrigues da Costa
Universidade Regional do Cariri - URCA
Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau

Este estudo tem como propósito descrever a experiência vivida a partir da disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais I onde através da intervenção educativa foram experimentadas situações de ensino-e-aprendizagem em instituições de ensino não formais. Sendo abordada como tema a iluminação cênica com a compreensão de que este campo é pouco experimentado em nossa região. Assim a oficina de iluminação cênica teve como objetivo aproximar crianças e adolescentes que experimentam a linguagem teatral de outros saberes como os princípios básicos da iluminação e os aspectos artísticos da luz na cena e suas implicações. Ao mesmo tempo em que entendessem que a prática artística envolve inúmeros conhecimentos e profissionais e que todos os conteúdos abordados revelam sua importância no processo de elaboração dos projetos de encenação não sendo apenas técnicos e tecnológicos. Mas como ministrar esta oficina? Já que teria que utilizar os poucos recursos disponíveis no Orfanato Jesus Maria José: uma sala de aula, um jardim e os corredores do Orfanato. Assim a abordagem da iluminação natural e artificial, usando como exemplo a própria sala de aula, com a luz do sol que lá incide e com a lâmpada elétrica foi de fundamental importância. Visitamos o Teatro Marquise Branca para que pudessem conhecer a iluminação cênica. Em outro encontro foi trabalhado as cores com a utilização das gelatinas. Levei várias gelatinas e começamos a brincar, criando cores com as misturas das gelatinas e com a luz solar. Propus um ensaio do espetáculo onde tentariam através da luz do sol e das gelatinas criar os ambientes que eles imaginavam em cada cena. Também percorremos o Orfanato a procura de frestas de luz para fazer experimentações com as gelatinas. Fomos ao jardim onde diretamente ao sol fizemos outras experiências. Também fizemos exercícios abordando luz frontal e luz de contra. Apesar da falta de estrutura técnica e física para desenvolver a oficina de iluminação, foi possível aproximar aquelas crianças e adolescentes ao universo do teatro e da iluminação de uma maneira geral.

PALAVRAS – CHAVE: Artes Cênicas; Iluminação; Educação;

1. Introdução

Na disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais I ministrada pelo professor Dr. Fábio José Rodrigues da Costa tivemos como proposta inicial apresentar projetos de intervenção educativa que seriam experimentados em instituições de ensino não formal existentes no Crajubar¹. Nossos saberes, talentos, habilidades e práticas enquanto alunos do curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais seriam o ponto de partida para a experimentação de ações educativas no contexto do

¹ Crajubar é o nome dado à região que compreende as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha no estado do Ceará.

ensino e aprendizagem nas Artes Visuais. Sendo assim, trabalhei com a iluminação cênica, por ser esta a minha profissão e por compreender que este campo é pouco experimentado como uma possibilidade de arte educação nas instituições da região. Assim como, pelo fato de que algumas instituições de Juazeiro do Norte oferecerem aulas de Teatro e Dança, mas, a experiência com essa linguagem visual e fundamental no contexto cênico não é trabalhada com fundamentação artística pedagógica, haja vista a carência de professores com formação específica nesta área.

Para a elaboração do projeto da referida disciplina, uma questão importante e norteadora do processo educativo era conhecer a instituição em que realizaria o estágio. Esse processo de conhecimento e de aproximação se deu através de visitas, constatando assim, que o Orfanato Jesus Maria José, instituição que assumi o compromisso de estagiar, é de cunho católico, fundada pelo Padre Cicero Romão Batista e que hoje é dirigida por freiras. Sendo assim, tive a oportunidade de conhecer algumas atividades em andamento, dentre elas a oficina de teatro.

Hoje a instituição não mais atua como orfanato, atua apenas na prestação de serviços sociais por meio da educação que tem como eixo fundamental as atividades artísticas. O Orfanato atende crianças e adolescentes em situação de risco, seu corpo docente é composto por freiras e alguns professores contratados, sendo custeados através de recursos repassados pela igreja e por doações.

2. A elaboração do projeto

Como mencionei anteriormente, ao conhecer a instituição, observei que na mesma é ofertada uma Oficina de Teatro na época ministrada pelo professor João Batista. Dessa forma, propus um projeto de Oficina de Iluminação Cênica, objetivando contribuir significativamente para a formação dos alunos que já estavam tendo a experiência com as Artes Cênicas, no caso específico – o Teatro. Ao começar a pensar e escrever o projeto, algumas questões intrigantes vieram à tona. Como desenvolver o ensino de artes visuais dentro de uma oficina de teatro? Como realizar uma oficina de iluminação cênica em um espaço sem nenhum recurso técnico disponível? Como aproximar estes jovens da linguagem de iluminação cênica enquanto visualidade nas condições citadas? Sem dúvida, fiquei temeroso em propor a oficina, pensei em mudar de assunto, de tema, como também de instituição. Porém, o desafio era instigante e assim decidi dar prosseguimento ao projeto.

Além das questões iniciais outras foram surgindo, principalmente, advindas da metodologia que teria que desenvolver na instituição. Fazia-se necessário entender primeiramente o contexto social daqueles jovens para que pudesse elaborar uma proposta que aproximasse os alunos ao conhecimento em arte, especificamente para a Iluminação Cênica. E dessa forma, instiga-los na realização de outras possibilidades, enquanto fazer criativo, para que estes jovens refletissem sobre suas próprias estéticas. Sendo assim, indo ao encontro do pensamento de John Dewey no que se refere a uma prática de ensino que se baseasse na própria experiência dos educandos. O desafio então seria pensar em uma metodologia que partisse da reflexão da própria estética dos jovens, do cotidiano deles. Além destas questões, também se fazia necessário uma atenção ao contexto da instituição onde pretendia realizar o projeto, até porque no orfanato, enquanto instituição de ensino não formal, segundo Lívia Marques:

[...] pretende-se propiciar o desenvolvimento integral (afetivo, cognitivo, intelectual e espiritual) dos educandos, proporcionar o aprendizado técnico e teórico, com vistas, inclusive, a uma possível profissionalização daqueles que assim o desejarem (2008, p. 30).

Apesar da Oficina de Teatro não existir no orfanato com intuito de formar atores e atrizes, não seria forçoso argumentar que a oficina de Iluminação Cênica pudesse despertar nos alunos um caminho para profissionalização.

3. A execução

Primeiro dia de aula na instituição. Eu, Aluno Estagiário, o professor e a Madre diretora da instituição, optamos em realizar a Oficina de Iluminação Cênica juntamente com as aulas da Oficina de Teatro, pois, havíamos entendido que as duas oficinas poderiam ocorrer simultaneamente. Assim, sou conduzido à sala de aula e apresentado à turma. Ao apresentar a proposta da oficina, percebi que vários alunos ficaram alheios ao assunto - Iluminação Cênica?

As aulas de teatro se baseavam em ensaios de uma peça, que seria apresentada em uma data específica, um momento festivo da instituição. Dessa forma, o professor corria contra o tempo para que os alunos pudessem decorar o texto. As aulas iam acontecendo e na medida em que o professor me dava oportunidade, abordava o conteúdo da iluminação cênica. Passaram-se várias aulas e ainda não havia conseguido trabalhar da forma que desejava, ou seja, relacionar a iluminação ao cotidiano daqueles jovens e, sobretudo, sua importância no contexto cênico.

Não quero aqui deixar entender que a metodologia seria aplicada de forma que não pudessem ocorrer mudanças e ajustes quando necessário. Mas, algumas situações, não permitiram a oportunidade do experienciar o planejado. Tomei algumas decisões. Solicitei uma reunião com a Madre diretora da instituição e com o professor da Oficina de Teatro. Expliquei novamente o projeto de estágio e a situação que estava vivenciando, assim, pedi para que a partir daquele momento, pudesse ministrar a Oficina de Iluminação Cênica em espaço e horários exclusivos, uma vez que não encontrei abertura para tratar do tema Iluminação Cênica.

A decisão em realizar a Oficina de Iluminação Cênica juntamente com a Oficina de Teatro, bem como a decisão posterior em fazê-la separadamente, se deu pelo fato de entender que seria possível abordar o tema proposto, ou seja, Iluminação Cênica, sendo que a oficina acontecia dentro de um dos lugares da iluminação cênica – O Teatro. Mas, naquele momento, a instituição e o professor de teatro viam a situação isoladamente, uma vez que as aulas de teatro se resumiam em ensaios de uma peça teatral, não encontrei espaço para a integração das oficinas; Teatro e Iluminação Cênica, pois o tempo da mesma era destinado apenas aos ensaios.

4. A mudança de metodologia

Dessa forma, com a separação das oficinas, foi necessário repensar o modo de ministrar as aulas. Por não conseguir experimentar o exercício de ensino/aprendizagem, durante os ensaios da peça, tive tempo suficiente para observar e perceber o espaço físico da instituição. Sendo assim, percebi que na sala de aula havia duas telhas transparentes² que formavam dois focos de luz e na medida em que o sol mudava sua posição, os focos de luz mudavam de ângulo. O momento tido como ocioso foi utilizado para realização de observações em outros locais da instituição como, por exemplo, o

² As telhas transparentes são em sua maioria feitas de fibra de vidro ou plástico rígido. São usadas para iluminar os espaços com a luz solar para com isso economizar energia elétrica. Hábito muito comum na região nordeste.

jardim e os corredores. Devido a essas observações, sobre o espaço e a influência da luz solar sobre o mesmo, mudei as estratégias, percebi que havia outras possibilidades no meu entorno para se trabalhar com o que tanto desejava – a Iluminação.



Focos de luz e ensaio em sala de aula

Assim, as aulas foram iniciadas abordando os conceitos de luz natural e luz artificial através da observação na própria sala de aula. Ao observarem os focos de luz oriundos da luz solar sobre as telhas transparentes, os alunos retrataram suas casas, citando os locais em que havia a incidência de luz natural, como também, os locais iluminados através de luzes artificiais. Alguns argumentaram que em suas casas eram utilizadas aquele tipo de telha transparente para iluminação durante o dia. Dessa forma, as aulas foram acontecendo a partir dessas conversas sobre a luz e sua interferência no cotidiano, nas coisas, no mundo. Um dos objetivos principais seria justamente, proporcionar a aqueles alunos a percepção da luz no dia-a-dia, suas transformações e nuances, sua importância e nossa dependência.

Em um dos dias de aula houve um passeio pelo bairro do qual todos os alunos da instituição deveriam participar, este passeio foi realizado para uma aula que teria como tema educação no trânsito. Este momento serviu para fazer uma abordagem mais concisa sobre os contrastes de luz e sombra, uma vez que os alunos já haviam realizado em sala de aula. Assim, fomos observando as sombras das placas de sinalização de trânsito, as sombras das árvores, dos prédios e a deles próprios. Ao perceberem as sombras os alunos também estavam percebendo a angulação da luz e a direção de onde a mesma era projetada. Estas percepções tornaram a atividade muito divertida e importante para eles, que ficavam a todo tempo mostrando sombras, falando o porquê delas naquela posição e mostrando a direção em que a luz solar estava incidido nos objetos.



Passeio pelo bairro. Observação das sombras.

Até então só havia trabalhado por meio de conversas fazendo com que o tema Iluminação Cênica ainda ficasse distante para aqueles jovens, salvo algumas exceções trabalhadas em sala de aula e no passeio, pois experimentamos situações práticas através dos exercícios de observação.

Pensando em um exercício voltado à prática na aula seguinte levei a turma ao teatro Marquise Branca que fica nas proximidades do orfanato, o propósito da ida era não apenas ensaiar a peça no espaço apropriado, mas também fazer com que muitos daqueles jovens pudessem conhecer um teatro de fato. Antes da realização do ensaio fizemos um passeio pelas dependências, conhecendo a sala técnica, o camarim e o palco.



Ensaio no teatro Marquise Branca - Juazeiro do Norte - CE

A ida ao teatro ampliou o olhar dos alunos quanto à cena, eles começaram a perceber os efeitos produzidos na pele, no figurino, e nos objetos em cena através da

utilização das cores. O ensaio no teatro foi mais prazeroso que os ensaios que faziam em sala de aula, era visível a satisfação deles ensaiando em cima de um palco de verdade que até então não passava de utopia. Passamos a manhã no teatro, mas pelo desejo deles, passaríamos o dia todo.

Na aula seguinte não se falava em outra coisa que não fosse esta experiência vivida no teatro. Levei para a aula várias gelatinas e durante a conversa deixei espalhadas no chão, logo depois sugeri aos alunos que escolhessem as cores que achavam interessante para serem usadas na peça teatral que estavam ensaiando. Após a escolha sugeri um novo ensaio desta vez eles teriam que se utilizar da luz solar que incidia na sala através da telha transparente.

5. A mistura cor luz

Fomos realizando ensaios utilizando as gelatinas decorrer das aulas. Nestes ensaios buscávamos os focos de luz natural existentes na sala para que os alunos pudessem experimentar a mistura das cores através das gelatinas.



Ensaio da peça com o uso de gelatinas

Aquele momento seria então o mais prazeroso para os alunos, pois havíamos partido para o exercício da prática. Após os ensaios cada aluno escolhia as cores da gelatina de sua preferência e saía pelo orfanato exercitando a mistura de cores. As

frechas de luz que antes passavam despercebidas naquele momento eram evidenciadas. Eles misturavam as gelatinas e disputavam as poucas frechas de luz uma a uma.

O fato do orfanato não dispor de equipamento necessário à iluminação cênica fez com que se buscassem meios alternativos para a realização do projeto. Assim através da luz natural foi possível realizar com os alunos exercícios de mistura de cores, exercícios de luz frontal e luz contra, exercícios de contrastes de luz e sombra.

Finalizo este meu relato, consciente que esta experiência enquanto artista/professor me fez perceber que o ensinar arte não é um processo rígido que segue um modelo específico e sim um caminhar que constantemente coloca em cheque a rigidez imposta. Trata-se então de algo que está sempre na busca de novas saídas e em constante transformação.

6. Referências

ALMEIDA, Celia Maria de Castro. *Ser artista, ser professor: razões e paixões pelo ofício*. São Paulo: Unesp, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. Org. *Arte – educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, Livia marques. *O ensino de artes em ongs*. São Paulo: Cortez, 2008.

RICHTER, Ivone mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.